

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
 CULTURA
 DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
 EDUCAÇÃO
 MEIO AMBIENTE
 SAÚDE
 TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
 TRABALHO

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS POPULARES EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

Jorge Fernando Coneglian¹
Maria de Fátima dos Santos Ribeiro²
Carla Irene Roggenkamp³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar as práticas de ensino realizados no Projeto de Extensão “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros”, vinculado ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Para tanto, além das fontes documentais, foram realizadas entrevistas com alguns participantes do grupo, ao longo do ano de 2017, visando recolher experiências e avaliar vivências relacionadas aos métodos de ensino musical adotados durante os encontros grupo, e que visavam não apenas o aprendizado da teoria musical e da técnica instrumental, mas também a compreensão dos aspectos históricos e culturais que envolvem as práticas artísticas populares e tradicionais brasileiras, como, por exemplo, o samba, o maracatu e o coco. A análise das falas dos entrevistados se deu a partir do confronto com a literatura de referência, como Paiva (2004), Melo (2016), dentre outros.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; Percussão; Ensino de Música.

INTRODUÇÃO

O “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros” iniciou suas atividades em agosto de 2016, e tem por objetivo principal proporcionar o aprendizado musical (teórico e técnico) necessário para a performance nos instrumentos de percussão mais tradicionais presentes nas manifestações artísticas brasileiras, como samba, maracatu, côco, forró, baião, bumba-meu-boi, entre outros. Além do aprendizado teórico-técnico, o grupo também investe no conhecimento ampliado das relações sociais, históricas e culturais que situam esses gêneros

¹ O acadêmico Jorge Fernando Coneglian, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Ponta Grossa, atua como colaborador voluntário junto ao Projeto de Extensão “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros (Trupé)”. E-mail: fernandoconely@yahoo.com.br.

² A acadêmica Maria de Fátima dos Santos Ribeiro, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Ponta Grossa, atua como colaboradora voluntária junto ao Projeto de Extensão “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros (Trupé)”. E-mail: fafa.pgpr@gmail.com.

³ A professora Carla Irene Roggenkamp, lotada no Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordena o Projeto de Extensão “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros (Trupé)” desde a sua criação em agosto de 2016. E-mail: carlaroggenkamp@yahoo.com.br.

no espaço artístico e performático brasileiro, proporcionando aos seus integrantes vivências ricas e significativas.

Em 2017, o Grupo de Percussão, que passou a incorporar o nome “Trupé”, escolhido pelos próprios alunos, integrou participantes com diferentes níveis de conhecimento musical, sendo necessário introduzir métodos de ensino musical que pudessem suprir as necessidades de aprimoramento dos mesmos, visando a preparação de apresentações públicas de maior qualidade.

O fazer musical como o Maracatu e o Côco, ultrapassa o elemento somente sonoro, pois a “música atua como processo de significado social” (PINTO, 2001, p. 227). Nesse sentido, Pinto (2001) afirma que:

É também na performance dramática e musical que encontramos a ritualização do sagrado. Rituais fornecem elementos para se construir uma etnografia da performance, uma etnografia que possibilita reconhecer diversos modelos de edificação de tempo e espaço na cultura. [...] os estudos do candomblé ou da umbanda, quando consideram a performance, em especial a festa, não deixam de incluir os respectivos elementos dramáticos e de relevância musical. Assim, Gerard Béhague analisa a performance de um rito de candomblé, para chegar a conclusões mais abrangentes sobre a relação entre música e as esferas mítica e espiritual (p. 230).

A partir dessa vinculação entre música, rito e grupo social, é possível perceber que o Côco, por exemplo, constituiu-se, inicialmente, como canto de trabalho que visava estimular os escravos na colheita, estabelecendo um ritmo para seu trabalho coletivo e, posteriormente, tornando-se música para os festejos da comunidade negra, assumindo caráter ritualístico (ALMEIDA, 2009). Também o Maracatu tem sua execução como ritual, com representações de orixás e uma estrutura hierárquica com papéis artísticos na apresentação, que envolve toda uma comunidade, da qual o Maracatu faz parte enquanto educação cultural (TRINDADE, BERRUEZO e SILVA, 2015).

O Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros “Trupé”, em seu ensino musical, considera esses processos culturais que envolvem a performance musical e artística dos participantes, resgatando elementos originais dos costumes, época, características sócio-culturais e utilização de instrumentos regionais (afaia, ganzá, xequerê), que identificam cada gênero.

OBJETIVOS

Nesse sentido, os objetivos desse trabalho são: (a) refletir sobre os elementos não-musicais que estão presentes no processo de ensino de ritmos tradicionais e suas relações com

o aprendizado dos alunos participantes do projeto, e (b) quais métodos de ensino dos ritmos foram mais eficazes e de maior compreensão sob a ótica dos alunos.

METODOLOGIA

Tendo como base a pesquisa já realizada por Arroyo (2000), por suas similaridades com esse estudo, esse estudo qualitativo foi realizado a partir de entrevistas nas quais alguns integrantes do projeto puderam expressar suas impressões a respeito das metodologias de ensino desenvolvidas ao longo do ano de 2017.

Optou-se pela entrevista semi estruturada e de caráter aberto, tendo sido realizadas nove entrevistas gravadas em áudio, e, posteriormente transcritas. As perguntas versavam sobre dois eixos, (1) se o projeto havia contribuído para o aprendizado do participante, tanto no aspecto musical quanto no não-musical, e (2) qual método ou técnica de ensino utilizada foi, na opinião do entrevistado, mais interessante para a assimilação do conteúdo abordado. As respostas foram analisadas e agrupadas em categorias temáticas.

RESULTADOS

Com relação às técnicas de ensino, os participantes relataram na entrevista suas dificuldades e facilidades para o aprendizado, sendo unânimes as considerações da imitação como um meio “mais rápido” e de “maior facilidade” para o aprendizado da execução dos ritmos, corroborando, assim, a tradição oral e da relação mestre-aprendiz tão frequente no aprendizado das práticas folclóricas. No entanto, três participantes apontaram que a simples imitação é limitada, pois mantém o aprendiz sempre dependente do seu mestre (“*mais fácil mas é limitadora, pois fica superficial, com a teoria fica mais aprofundado*”).

Sobre a prática em conjunto, quatro entrevistados relataram sobre aprender e ensinar, pois é um momento em que aqueles que estavam executando com mais facilidade sentiam-se na liberdade de auxiliar outro colega, expressando na sua maneira de como compreendeu e conseguiu tocar. Isso demonstrou um exercício de espírito cooperativo entre os alunos, que também é um processo de educação, Melo (2015) e Paiva (2004) concordam de forma geral que o processo de educação entende-se como um processo contínuo e existe uma equivalência no ato de aprender a aprender e ensinar a ensinar. Esse acontecimento do ensino-aprendizagem entre os alunos do grupo ocorreu de forma natural e espontânea, e até inesperada, pois não fez parte dos planejamentos e objetivos das aulas, chamando a atenção

dos pesquisadores apenas após a realização das entrevistas, em que um dos entrevistados exemplificou que quando “ensinava, aprendia mais”.

Ainda sobre a prática em conjunto outros pontos relatados foram (a) a noção da interação entre os instrumentos, (b) o exercício da percepção e também (c) o desafio do entrosamento no tocar em conjunto. Aqueles que já executavam com certa facilidade tinham que ter paciência com aqueles que ainda estavam com dificuldades, sendo que de acordo com Paiva (2004, p. 34), esse é um dos primeiros objetivos a ser alcançado em uma prática em grupo, ou seja, o respeito mútuo entre os participantes e a interação do grupo.

Na improvisação, que ocorre em um momento da prática de conjunto, a maioria dos entrevistados aceitou com otimismo, gostaram, pois foi possível experimentar uma independência como instrumentista. Uma das entrevistadas falou que nesse momento “percebia o entendimento da prática”. A improvisação é um acontecimento da criação, quando o aluno é desafiado a se expressar, criar ritmos aplicando a técnica ensinada dos instrumentos, sempre interagindo com os outros instrumentos (PAIVA, 2004, p. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo musical do Grupo Trupé tende mais para o ensino por imitação, presente nas práticas populares originais, embora também busque incorporar elementos da teoria musical. Também abordando a música não somente como elemento sonoro, mas considera outros elementos culturais que envolvem o ritmo brasileiro abordado, valorizando de forma equivalente a sonoridade e performance das apresentações do grupo. Questiona-se, portanto, a separação ainda presente no ideário educacional entre teoria e prática musical.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Magdalena. Samba de coco é brincadeira e arte. **Acervo**, [S.l.], v. 22, n. 2 jul-dez, p. 165-180, dez. 2011. ISSN 22378723. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/15>>. Acesso em: 29 Mar. 2018.

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. **Revista da Abem**, São Paulo, v. 8, n. 5, p.13-20, set. 2000

MELO, Felipe Brito de. O Ensino coletivo de percussão e suas práticas de ensino/aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. **Anais da ABEM**. São Paulo: Abem, 2015. v. 1, p. 1 - 12. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/viewFile/1145/525>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

PAIVA, Rodrigo. Percussão: uma abordagem integradora dos processos de ensino e aprendizagem. **Revista Música Hodie**, [S.l.], v. 5, n. 1, fev. 2008. ISSN 1676-3939.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 222-286, jan. 2001. ISSN 1678-9857.

TRINDADE, Camila Sousa; BERRUEZO, Luna Borges; NUNES SILVA, Otávio Bontempo. Ensino e aprendizagem das culturas afrobrasileiras: epistemologias e documentação cultural. **Revista Ciência em Extensão**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 62-84, abr. 2015. ISSN 16794605. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/956>. Acesso em: 29 mar. 2018.